

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

MARIA ELISA GOMES LEMOS

Mestre em Educação

Universidade Federal da Bahia

pamelisa@terra.com.br

**A CONSTITUIÇÃO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM SALVADOR COMO PRÁTICA
EDUCATIVA**

Salvador
2019

*A arte não é, de modo nenhum, necessária. Tudo
o que é preciso para tornarmos o mundo mais habitável
é o amor!*

Isadora Duncan

As práticas corporais fazem parte do cotidiano das pessoas, representadas nas mais diferentes expressões e com diversos sentidos. Sua presença pode ser identificada em jogos infantis, atividades circenses, pinturas, jogos de armas, ações educativas, práticas laborais, serviços domésticos, enfim, num universo grande de movimentos, no fazer diário de cada um. Soares (1998) nos apresenta visualmente, em tempos históricos diferentes, suas representações, caracterizando as relações que o homem assume com as atividades do corpo.

Flores (2015, p.10), afirma que o trato com o corpo “[...] passa de um elemento natural, de ajuste ao meio, a um processo sistematizado, composto com fins de alcançar objetivos variados”. Ou seja, em associação ao próprio processo de adaptação às circunstâncias variadas, o corpo e suas expressões, também foram se adaptando.

Observando este quadro, entendemos que o ser humano tem uma visão de si, que é influenciada pela percepção de seu corpo, em função das singularidades de suas habilidades, tanto as inatas, quanto as que são adquiridas e desenvolvidas através de brincadeiras, jogos, esportes, danças, lutas e capoeira, e também a ginástica.

As atividades ginásticas, como uma das expressões corporais humanas, englobam modalidades competitivas e não competitivas e envolvem uma série de movimentos naturais que fazem parte do cotidiano de todo ser e podem se manifestar como elemento de comunicação e expressão, para fins que podem ser únicos na rotina diária, pois movimentar-se é uma condição de vida. E mais, de acordo com Flores (2015, p.14), a ginástica também se constitui como uma prática cultural:

Neste sentido, entendemos que a ginástica, seja de que tipo for, traz em si, em sua construção e significação, elementos que margeiam as dinâmicas culturais locais e globais, podendo ser mesmo uma

representação de um perfil localista ou mais, a mostra de um processo de hibridização cultural.

Além de ser uma expressão cultural, a ginástica possui significado e dimensões diversas, dentre as quais a dimensão educativa nos interessa. Marinho (1957, p. 51-52), aponta que a ginástica pedagógica ou educativa, proposta por Ling, “[...] assinala a passagem da concepção puramente anátomo-fisiológica para uma concepção psicológica e social”.

Em Marinho (1953) encontramos a afirmação de que a ginástica é uma prática que incita o indivíduo ao movimento, e assim, de forma natural e espontânea, ele cria e domina seus movimentos, mas aqui também devemos nos referir as atividades não naturais, sistematizadas, organizadas a partir de objetivos específicos de representação.

Na linha desta compreensão da ginástica como uma atividade previamente organizada, Dallo (2007, p. 25) assevera que:

A ginástica é um sistema de formas específicas de movimentos e de suas respectivas técnicas de execução, destinadas ao desenvolvimento físico que envolve as formas e funções corporais e as ações motoras. A ginástica se constitui, assim, em ferramenta didática da formação física.

Seguindo esta perspectiva, apontamos que em nosso estudo nos referimos às ginásticas, não como uma ação espontânea, de relação com o meio, mas sim, trataremos das atividades ginásticas, em uma dimensão sistematizada, mais especificamente, aquelas que são representadas esportivamente.

Soares (1998, p.17) afirma que “[...] na Europa, ao longo de todo o século XIX, a ginástica científica afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade”. Esta ginástica que começa a se desenvolver na Idade Contemporânea, e em acúmulo com as demais ideias, contribui para o desenvolvimento do que conhecemos hoje como Ginástica Rítmica (GR), que está presente na escola como instrumento de educação e/ou competição e que em sua composição foi influenciada por quatro grandes escolas, a alemã, a nórdica, a francesa, e a inglesa, fazendo parte do que hoje conhecemos como Educação Física.

Ao mesmo tempo em que faz parte do campo da Educação Física como uma atividade de seu quadro de conteúdos, as ginásticas esportivas quando sistematizadas, compõe outro campo em específico, o dos esportes.

Publio (1998, p. 21) diz que “[...] os termos, “ginástica”, “esportes” e “educação física” se confundem muito freqüentemente na linguagem de diversos filósofos, lingüistas e pedagogos”. Enquanto atividade regulamentada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), estão oficializadas como esporte, a Ginástica Artística Masculina, Ginástica Artística Feminina, Ginástica Rítmica, Ginástica Aeróbica Esportiva, Ginástica Acrobática, Ginástica de Trampolim e Ginástica para todos.

Considerando que desde a primeira edição dos Jogos Olímpicos, em Atenas 1896, a ginástica está presente com a modalidade hoje conhecida como Ginástica Artística Masculina, prevendo um programa de provas individuais e em conjunto, que aparentemente foi alterado, Publio (1998, p. 71) aponta que “na realidade, foram realizados exercícios individuais em seis provas e exercícios simultâneos por equipe nas barras paralelas e na barra fixa [...]”

Noutro lado, a Ginástica Artística Feminina vai participar, inicialmente, na prova de solo, nos Jogos Olímpicos em 1952, começando a competir nas suas quatro provas tradicionais, solo, barras assimétricas, trave e salto sobre a mesa, nos Jogos de 1960. Já a Ginástica Rítmica foi introduzida em 1984 em Los Angeles com as provas individuais, e em 1996, manteve as provas individuais e acrescentou as de grupo.

Aqui, por tratarmos da dimensão esportiva da GR, importa-nos conhecer o termo esporte e suas origens. Sobre isso, Melo (2010a, p. 12) afirma que:

[...] originária do francês antigo “disporte” a palavra “Sport” foi registrada pela primeira vez na Grã-Bretanha do século XV, mas é somente na transição dos séculos XVIII e XIX que ela assume o sentido atual.

Podendo o esporte e assim a GR ser um componente utilizado pela Educação Física, Rocha Junior (2005, p. 69), sobre esta área de conhecimento, assevera que esta

[...] sempre buscou identificar e definir conceitualmente as diferentes modalidades de intervenção que seu campo profissional abarca. É constante a luta que trava por argumentos que lhe fundamentem científica e/ou pedagogicamente, seja do ponto de vista acadêmico, profissional ou educacional. Nela, a busca por legitimidade e *status* dá origem a toda uma produção de narrativas.

Diante destas características, Tibeau (2010) caracteriza a GR por três elementos básicos, que formam entre si uma unidade e fundamentam sua própria existência: movimentos corporais, manuseio de materiais ou aparelhos, acompanhamento musical e que apesar de ser conceituada como esporte, esse tipo de Ginástica possui características que a tornam bastante interessante para a intervenção da Educação Física, no campo escolar.

A partir deste cenário, reconhecemos que o ser humano se movimenta, tanto por atividades sistematizadas, quanto por necessidade, para viver e sobreviver, assim ele corre, arremessa, salta, empurra, dentre tantos outros movimentos que são básicos no desempenho corporal. Diante destas características, Dallo (2007, p. 23) diz:

A compreensão da natureza do movimento em diferentes áreas das ciências e o estudo não só de seus efeitos sobre o homem nas diferentes etapas evolutivas de sua formação, mas também do amadurecimento de sua vida de relação, têm justificado e definido importantes enfoques pedagógicos, como a ginástica, o jogo, o esporte etc.

Nesta linha de compreensão, tendo a ginástica também em sua dimensão esportiva como centro de nossa atenção, nos interessa aqui sobremaneira, uma de suas manifestações, a Ginástica Rítmica. Esta incorpora em seus movimentos elementos de ordem natural e ao mesmo tempo os sistematizados e sua prática expressa tanto à singeleza de expressões e representações, quanto à dureza das determinações extrínsecas ao praticante e ainda, faz uso de implementos em suas atividades.

A Ginástica Rítmica é um esporte do quadro olímpico, com um processo de organização recente, em tempos próximos ao fim da Segunda Guerra Mundial, que aos poucos, ganhou sistematização, universalização, quadro técnico, calendário próprio, e uma estrutura competitiva, assumindo então, as especificidades do esporte modernos, como nos mostra Bourdieu (1983, p. 7).

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.

Pelo fato desta modalidade ter autonomia como experiência esportiva, ela também se assume como elemento do trato da Educação Física. Sua repercussão é universal e incorpora elementos da dança, da música, da ginástica e mesmo uma teatralidade. É desta ginástica que falamos em nosso estudo.

Recordando esta trajetória identifico que as atividades da GR foram incorporadas ao meu estilo de vida já nos primeiros anos como aluna da disciplina Educação Física, precisamente, na década de 1960 no Colégio Estadual Góes Calmon, momento do primeiro contato com um dos personagens desta história, a professora Maria Lúcia Franco Maltez, que a época, atuava como docente na referida instituição escolar.

Crause (1978; 1984) e Alonso (2000) citado por Dacosta (2005, p. 226) informa no *Atlas do esporte no Brasil* que a GR chega a nosso país em 1953, por intermédio da professora austríaca Margareth Fröhlich, convidada para ministrar aulas de Ginástica Moderna no III Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico em São Paulo, onde contou com a assistência de Erica Sauer, professora da ENEFD da Universidade do Brasil, atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O conjunto destas vivências com a GR, em várias dimensões e sentidos, me trouxe encorajamento para desenvolver estudos sobre a constituição da modalidade, na tentativa de melhor entender sua construção, desenvolvimento e suas expressões, mais especificamente na Bahia, tendo a cidade do Salvador como cenário central, por ser meu local de fluxo social, onde vivo minha formação e tenho meu exercício profissional, configurando assim todo o ambiente da pesquisa.

Dentro deste cenário, apresento o ponto de interesse central neste momento que é apontar como se deu a introdução e estruturação da Ginástica Rítmica como prática esportiva e educativa em Salvador, e também apresentar os personagens atuantes nesse processo, e como se deram as experiências na Bahia.

Justamente para destacar a influência desta participação atuante em espaços público ou privado, escolas, clubes e/ou similares, mostramos a expressão esportiva e também a educativa, além de considerar efetivamente a escassez de produções regionais sobre a modalidade no estado da Bahia.

Diante deste episódio, compreendo então, que a partir deste momento é possível ter um olhar sobre a GR que transcenda a prática pela prática, e a análise dos significados

subjetivos desta experiência no cotidiano de jovens e adultos, uma vez que o ato de olhar para esta ação educativa ou esportiva, vai proporcionar a retomada de vários estudos até então publicados, considerando a competição da ginástica esportiva desenvolvida a partir da ginástica rítmica, dos elementos da dança presentes na ginástica, e os próprios elementos da ginástica natural.

Segundo Crause (1985, p. 3) a modalidade é denominada de Ginástica Rítmica Desportiva em 1975, decisão votada por unanimidade na Assembleia Técnica do 53º Congresso da Federação Internacional de Ginástica, realizado em Berna, Suíça.

Para Gaio (2007, p. 37, negrito da autora) as variadas terminologias da ginástica rítmica como “[...] **Ginástica Moderna (1963), Ginástica Feminina Moderna e Ginástica Rítmica Moderna (1972), Ginástica Rítmica Desportiva (1975) e Ginástica Rítmica (1998)**” [...]. Como vemos estas indefinições no que se refere às possíveis denominações acontecem principalmente durante sua construção na década de 70.

Enfim, o título da modalidade Ginástica Rítmica foi oficializado pela Federação Internacional de Ginástica, em 2000¹.

A partir das questões citadas, apontamos uma compreensão de que o desenvolvimento da GR em Salvador se deu no ambiente escolar, atrelado à instalação da Educação Física, como curso superior na Bahia e isto, por permitir a formação de profissionais que legitimaram e assumiram relações profissionais com esta prática. Tal hipótese se constrói a partir do próprio trato com a modalidade e ainda, com o contato com profissionais que atuam e ou atuaram com esta atividade na cidade.

Associado a questão ponderamos construir um panorama explicativo sobre a experiência histórica da modalidade na década de 1970 e assim interpretar os aspectos específicos que a constituíram.

E para melhor entender as expressões assumidas pela sociedade científica ao olhar a Ginástica Rítmica como conhecemos hoje, identificamos possibilidades diferenciadas que permitem novos olhares e mesmo redescobri-la em mil facetas, desta forma, também temos como objetivos específicos, identificar e descrever e analisar as instituições formativas que

¹ A Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) tornou-se olímpica em 1984 e pela redundância passou a GR.

sistematicamente tenham tido envolvimento com a Ginástica Rítmica na sua construção histórica em Salvador.

Diante destas considerações, nossa opção passa pela revisão de literatura e pela busca de saberes já sistematizado sobre o tema, e para o desenvolvimento em si, a referência passa pela Nova História Cultural. Neste sentido, a pesquisa histórica sustentada nesta perspectiva surge como opção metodológica, haja vista que se trata aqui de demonstrar e analisar os dados e fatos que configuraram o trajeto da prática em estudo, pensando sua instalação e efetivação, não apenas a partir dos documentos, por mais que estes sejam prioritários, mas também dando voz àqueles que de forma direta fizeram acontecer esta história, na intenção de compreender os fatores conjunturais.

A Nova Histórica Cultural permitiu uma “virada” no trato com objetos de pesquisa e fontes, abrindo frentes para o desenvolvimento de pesquisas com temas que refletem o cotidiano e são expressos em interesses e atividades diversas, dentre estas, as práticas corporais e neste meio, o esporte.

De forma mais direta utilizamos a Nova História Cultural, por entendermos que esta nos permite melhor compreender o fenômeno e tecer “explicações” acerca de sua trajetória e mais, por termos a noção de que as práticas corporais são expressões culturais. Segundo Melo e colaboradores (2013, p. 47):

Foi mesmo no pós Segunda Grande Guerra que emergiram com mais força as questões de natureza cultural, sendo a cultura progressivamente considerada não só como um conjunto de manifestações, mas também de normas, valores, comportamentos, hábitos que regem a vida em sociedade. Nesse cenário conformou-se um coletivo de historiadores interessados em tal abordagem.

Nessa compreensão, ainda Melo e colaboradores (2013, p. 53) asseveram: “[...] é mesmo a partir dos anos 80 que se tornam comuns às aproximações entre a história do esporte e a história cultural”. Ou seja, trabalhar com a história cultural do esporte é lidar com suas expressões, representações, significados e relações e aí, as práticas não se explicam isoladamente e sim, é preciso compreender a conjuntura.

Ainda na mesma obra os autores apresentam a grande importância para a conformação da Nova História Cultural dos estudos do esporte, partir de diálogos com a Antropologia e

com a linguística, em um contexto em que se percebe a valorização da cultura como objeto de estudo das ciências humanas e sociais, tendo como recorte temporal, a década de 1970, por ter sido a que definiu a sistematização da Ginástica Rítmica no Brasil e, principalmente, por ser o período de instalação de um curso superior de Educação Física na Bahia, na Universidade Católica do Salvador (FERRARO, 1991; PIRES; ROCHA JUNIOR; MARTA, 2014).

Na Bahia de todos os santos e cantos da Ginástica Rítmica a trajetória de construção, a cidade de Salvador viveu diferentes fases e arranjos para definição de propostas e políticas públicas para o esporte e em especial para Ginástica Rítmica. Desde a tentativa de ocupação inicial, até os momentos atuais, a cidade passou por diversos momentos e assim, constituiu sua trajetória como uma das cidades referenciais do Brasil.

Foi durante o governo de Antônio Balbino (1955-1959) que aconteceu um dos marcos de modernização de Salvador e da sua vida cultural, a construção do Teatro Castro Alves, projetado por Sina Foniati. Na mesma época vimos a construção do Ginásio de Esportes Antônio Balbino (conhecido por Balbininho), anexo ao Estádio da Fonte Nova. Esta arena esportiva foi demolida em 2010, para dar lugar ao estacionamento da nova Fonte Nova, construída para a Copa do Mundo FIFA 2014, deixando a cidade de Salvador sem ginásio adequado a receber eventos esportivos.

No que se refere à vida esportiva da cidade, devemos aqui fazer menção a um espaço específico, que se não construído notadamente para os esportes, acabou sendo uma referência nessa área, mesmo, por conta da carência que a cidade sempre demonstrou. (LEITE; ROCHA JUNIOR; SANTOS, 2010) Tal espaço foi o Instituto Central de Educação Isaiás Alves (ICEIA), onde vimos se constituir a trajetória de um novo esporte na cidade do Salvador, a Ginástica Rítmica, com Dulce Suzart.

A Professora Dulce é natural de Feira de Santana – Bahia, egressa do curso para professores da Escola Nacional de Educação Física realizado no Rio de Janeiro (1951-1953). Em seu trabalho, ela deu prosseguimento às atividades de Ginástica Feminina, como era denominada em 1954, em substituição a professora de Dança Odete Franco.

Em seguida, Maria Lúcia Maltez, que servia de guia das aulas da professora Odete Franco oriunda da turma de 1947, no seu retorno a Salvador, aplica nas aulas de educação física no ICEIA, “[...] exercícios sintéticos e analíticos, do tipo calistênico acompanhados de

música [...]”. Na sua entrevista Maltez considera ter sido este o momento de introdução da Ginástica Rítmica, em Salvador.

Bodo-Schimid (1978) registra que uma Comissão Especial da FIG, após o terceiro Campeonato do Mundo, apresentou regulamentações internacionais e regras, estabelecendo claramente as dificuldades e técnicas específicas de cada aparelho, fixou penalidades para as possíveis falhas e uma lista de elementos necessários para as sequências, além de decidirem por uma comissão a introdução da corda, a bola e o arco; em 1971 depois do Quinto Campeonato Mundial em Havana – Cuba mais um aparelho, desta vez a fita, e em 1973 as maçãs após o Sexto Campeonato Mundial de Rotterdan na Holanda. Bodo-Schimid (1978, p. 18-21, tradução nossa)

Sendo uma prática que atrai olhares e praticantes pela sua plasticidade, a Ginástica Rítmica, tema do nosso estudo, atualmente tem assento efetivo em escolas da rede pública municipal, estadual e particular de ensino em todos os níveis, além de contar com espaços privados e públicos para treinamento de alto rendimento em todas as faixas etárias, com maior procura pela população feminina e em menor número pelo público masculino, sem restrições.

Na análise histórica de Melo e Fortes (2010), na década de noventa, recursos de agências de fomento beneficiam o esporte, ao tempo em que na escola os programas de incentivo à prática esportiva colaboram para o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens. Porém antes desta década vários projetos são desenvolvidos em Salvador.

Apesar da curiosidade pelos movimentos acompanhados de música e o uso dos objetos, observamos que o conteúdo desta modalidade é pouco explorado nas aulas de Educação Física, sendo este mais um motivo para proporcionarmos este aprendizado versátil, pois explorar os movimentos, manusear objetos são ações presentes no universo infantil.

A partir desta observação, concordamos que os exercícios com os aparelhos, segundo Langlade e Langlade (1970, p. 99):

[...] são um complemento dos exercícios a mãos livres e nunca podem substituí-los. O papel da GR não é em nenhum momento ensinar malabarismos, mas fortalecer a sensação do movimento natural, e que o aparelho deve ser tratado e usado como extensão e/ou continuidade do próprio corpo.

Em Salvador podemos resgatar em posição cronológica crescente, os programas, projetos e ações educativas e esportivas que colaboraram para a organização da Ginástica Rítmica e implantação de Escolinhas de Iniciação Esportiva no nosso estado, e o SESI foi a instituição que efetivamente iniciou nesta década, propostas concretas para um programa de iniciação esportiva, mais precisamente em 1973, com a realização do Curso de Iniciação Esportiva promovido pelo Departamento Nacional em parceria com o Departamento Regional – Bahia.

O programa de atendimento em diferentes modalidades para industriários e seus dependentes, que apesar da restrição no atendimento, pois a comunidade, no primeiro momento não podia participar, movimentou a Cidade Baixa na década de 1970, como polo e única instituição de Salvador a promover o acesso às práticas esportivas com acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, formada por professores de Educação Física, Serviço Social, Orientação Pedagógica, Médico Esportista, Odontologia, Fisioterapia, Primeiros socorros.

Temos também a Lei Delegada nº 37 de 14 de março de 1983 (BAHIA, 1983) que Cria a Superintendência de Desportos do Estado da Bahia – SUDESB, e a ação desenvolvida nas “Escolinhas de Esportes”.

Se estas experiências foram fundamentais para constituição da Ginástica Rítmica em nossa cidade, o Programa de Educação Esportiva da Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Esporte e Lazer (SMED) da Prefeitura Municipal do Salvador (PMS) que se junta aos demais programas, acontece entre 2005 e 2011 e tem sua cota de colaboração e um diferencial, pois chega a inferir uma ação global de atendimento a criança e família e o Programa de educação esportiva de Camaçari, através da Cidade do Saber – Instituto Professor Raimundo Pinheiro, fundado em 2006 que manteve um atendimento na GR no período de março de 2007 até 2010.

Para melhor compreendermos o potencial atual visto na GR em solo baiano, cumpre-nos buscar as formas de construção de sua prática, para melhor entendermos suas raízes e fundamentos.

Nesse processo de construção e solidificação da prática da GR, vários personagens podem ser apontados com tendo tido importância fulcral, mesmo que atuando em áreas diferentes. Na pedagogia Rousseau, Pestalozzi e Guts Muths, na música Dalcroze e Rudolf

Bode, que também influenciou para inserção dos aparelhos em parceria com Medau e Isadora Duncan e Rudolf Laban com as discussões da dança.

Neste processo construtivo em nosso país, a Ginástica Rítmica contou também com a atuação da professora Ilona Peuker, aluna da Escola de Movimentos. Húngara com vasta experiência em seu país e laureada na Europa chegou ao Brasil na década de 1960, uma grande colaboradora na divulgação e propagação da modalidade através de cursos e demonstrações de norte a sul do Brasil.

Nedialkova, Soares e Barros (2006) afirmam ser possível a estimulação e desenvolvimento do ser, tendo por base a vivência de uma série de experiências motoras e sensoriais. Desta forma, cremos que a GR, dentro de seu espectro de movimentos pode servir para colaborar a desenvolver habilidades motoras e mesmo, qualidades físicas de base. Para tanto, a modalidade pode se valer dos objetos que podem ser os específicos da modalidade ou não, suas sessões podem ser concebidas em função de variados objetivos, dependendo para tal, das formas de pensar de quem com atua com sua prática.

As possibilidades formativas do ser não se limitam ao acesso as práticas formais e compromissadas, e sendo assim, sob esta perspectiva, a GR pode ser um conteúdo do lazer, assumindo então outra possibilidade de intervenção, e desta maneira é possível considerarmos a Ginástica Rítmica, a partir da rotina educativa e do aspecto social do lazer.

Entendemos que as ações desenvolvidas na cidade, durante a década de 1970, foram mantidas, associadas ao perfil desportivizante pensado para a Educação Física no momento do Jubileu de Prata do SESI que inaugura as instalações esportivas e recreativas do Clube do Trabalhador Jayme Villas Boas Filho – Centro de Atividades de Itapagipe², que pareceu ser a preparação para implantar no ano seguinte, o programa de Iniciação esportiva.

Em 14 de novembro de 1973 o Departamento Nacional do SESI lançou um plano de integração de operários e dependentes, tendo a prática esportiva e da Educação Física como referência e a partir desta chamada, estava aberto o espaço para instalação da Ginástica Rítmica nos espaços do Serviço Social da Indústria, na Bahia.

O programa de iniciação esportiva que foi proposto e desenvolvido pelo SESI buscou proporcionar às famílias e aos alunos filhos de industriários, e mais tarde uma parcela da

² Publicado do *Boletim das Indústrias FIEB*, Ano 8, n. 104, nov. 1973, p. 4.

comunidade, ganhos em esferas diversas, além de ter também colaborado com a formação de professores e o acesso ao direito constitucional a estes bens sociais ao lazer. O Programa preconizava o acesso a ações socioeducativas, artísticas e lúdicas, visando à construção da cidadania, a socialização, a prática competitiva e a ocupação do tempo disponível, através da integração e inclusão social dos alunos e alunas matriculados em projetos de iniciação esportiva.

É por reconhecer que outras interpretações devem existir, outros nomes devem ser apontados, é que reconhecemos as limitações da obra, fato natural a quem, neste momento, mescla a condição de uma professora experiente, com uma pesquisadora iniciante. Ao mesmo tempo, sabemos que o aqui apresentado, pode ser sim, uma leitura de iniciação ao tema, tanto para os interessados na GR, quanto para quem procurar a Bahia.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Heloisa. *Ginástica Rítmica: construindo uma metodologia*. Tese de Doutorado em Educação Física. Faculdade de Educação Física. Faculdade de Educação Física, Unicamp, 2000.

BAHIA. Lei Delegada 37, 14 de março de 1983. **Cria a Superintendência de Desportos do Estado da Bahia - SUDESB e dá outras providências**. Disponível em:< <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/70038/lei-delegada-37-83>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BODO-SCHIMID, Andrea. **Gymnastique rythmique sportive**. Paris: Editions Vigot, 1978.

DACOSTA, Lamartine Pereira. (Org.) **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro : Shape, 2005.

DALLO, Alberto R.A **ginástica como ferramenta pedagógica: o movimento como agente de formação**. Tradução José Geraldo Massucato. São Paulo: EDUSP, 2007.

FERRARO, Alcyr Naidiro. **A educação física na Bahia: memórias de um professor**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1991.

FLORES, Amanda Azevedo. **Ginástica em academia: compreensões sobre o planejamento de aulas em Salvador**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

GAIO, Roberta. **Ginástica rítmica desportiva “popular”**: uma proposta educacional. 2. ed. São Paulo: Robe, 2007.

_____. Ginástica rítmica na escola: ações e reflexões. In: _____; GÓIS, Ana Angélica Freitas; BATISTA, José Carlos Freitas (Org.). **A ginástica em questão: corpo e movimento**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2010. p. 227-247.

INSTITUTO Normal da Bahia (atual ICEIA), Salvador / Bahia (Brasil). Disponível em: <<http://arquitetandonanet.blogspot.com.br/2010/10/instituto-normal-da-bahia-atual-iceia.html>>. Acesso em: 26 maio 2017.

INSTITUTO PROFESSOR RAIMUNDO PINHEIRO. Disponível em: <<http://www.cidadedosaber.org.br>>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

LANGLADE, Alberto; LANGLADE, Nelly Rey de. **Teoria general de la gimnasia**. Buenos Aires: Stadium, 1970.

LEITE, Rinaldo C. N.; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira; SANTOS, Henrique SENA dos. Esporte, cidade e modernidade: Salvador. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. v. 1, p. 213-239.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer: conceitos**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010a. (Sport: Historia)

_____. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. **Revista Brasileira Ciência Esporte**, Campinas, SP, v. 32, n. 1, p. 41-57, set. 2010b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892010000400004&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 19 abr. 17.

_____ et al. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MENEZES, Edvaldo Conceição de et al. **Cidade do Saber: ferramenta de inclusão social?** 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, Bahia, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NEDIALKOVA, Giurga T.; SOARES, Artemis A.; BARROS, Daisy Regina Pinto. **Ginástica rítmica: em busca de novos talentos**. Petrópolis, RJ: Portal Literário Editora, 2006.

O'FARRILL HERNÁNDEZ, Alejandra; SANTOS BOUZA, Amalia. **Gimnasia rítmica deportiva**. Buenos Aires: Stadium, 1982.

PALLARÉS, Zaida. **Ginástica rítmica**. Porto Alegre: Redacta, 1979.

PEREIRA, Alex. Ensaio: a colina sagrada era uma ilha. **A Tarde**, Salvador, 30 maio 1993. Caderno 2, p. 1.

PEREIRA, Hosana Claudia Matias da Costa. **Ginástica rítmica: um concerto para o corpo.** 2013. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

PIRES, Roberto Gondim; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. Primeiro curso de educação física na Bahia: trajetórias e personagens. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 205-223, jan./mar. 2014.

I CURSO de iniciação esportiva. **Boletim das Indústrias FIEB**, Ano 8, n. 105, p. 11, dez. 1973.

PUBLIO, Nestor Soares. **Evolução histórica da ginástica olímpica.** Guarulhos, SP: Phorte, 1998.

RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. **Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX.** 2011. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. A organização do campo da educação física: considerações sobre o debate. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 69-78, jul./dez. 2005.

ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da; SANTOS, Henrique Sena dos. **Primórdios do esporte no Brasil:** Salvador. Manaus: Reggo, 2015.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Marzy Perim dos et al. A ginástica rítmica desportiva e as concepções pedagógicas de educação física. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Ensaio: educação física e esporte.** Vitória: UFES, 1994. p. 171-193.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. A utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 3, 2009. Não paginado. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fe/article/view/6766/5982>>. Acesso em: 22 out. 2017.

SESI lança programa de esportes em todo país. **Boletim das Indústrias FIEB**, Ano 8, n. 104, p. 4, dez. 1973.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX.** Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

TIBEAU, Cynthia C. Pasqua. Estratégias de ensino na ginástica rítmica. In: PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (Org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 269-293.

TOLEDO, Eliana de. Estética e beleza na ginástica rítmica. In: PAOLIELLO, Elizabeth; TOLEDO, Eliana de (Org.). **Possibilidades da ginástica rítmica**. São Paulo: Phorte, 2010. p. 19-44.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Autores Associados, 1992.

VIEIRA, Priscila. **Como são escolhidos os esportes olímpicos?** [2009] Disponível em:<<http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/outubro2009/materias/esportes.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

XAVIER, Thiago. **Conhecendo a ginástica rítmica masculina**. 2012. Disponível em:<<http://ginasticageral.blogspot.com.br/2012/11/conhecendo-ginastica-ritmica-masculina.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

Ginástica, texto produzido por Maria Elisa Gomes Lemos, publicado no *SESI Esporte*, Ano 1, n. 2, nov.1974. Primeira equipe representativa do SESI.



SESI ESPORTE

ANO I
NÚMERO 2
~ 30-11-74 ~

BOLETIM QUINZENAL DE ESPORTES DO SESI-BAHIA

GINÁSTICA
Maria Elisa Lemos Gomes
Professora de Ginástica Feminina
do SESI – DR. Bahia.

Na educação do ser humano existe uma fase que se servindo do exercício corporal, ajuda a aperfeiçoar a vontade. É a educação física.

Dizemos que educação física é a reunião de atividades utilizadas para o desenvolvimento total da personalidade do homem. A ginástica ocupa nos dias atuais, lugar proeminente em um programa de Educação física e saúde.

O mundo atual, grandemente tecnológico e influenciado por inúmeros processos de automação, passa por uma evolução psicossocial. O homem moderno cada vez mais mecanizado reduz a quantidade da energia física por ele consumida. As novas descobertas, realmente, estimulam a falta de atividade física, tornando o homem do futuro um obeso, em virtude da vida sedentária e do pouco esforço muscular.

A ginástica, a dança, os jogos e os desportos são os meios principais de exercício físico utilizados para conseguirmos o desenvolvimento e o aperfeiçoamento

Equipe de ginastas do SESI que participou do II Campeonato Norte Nordeste de Ginástica Rítmica Moderna.



por todos os indivíduos indistintamente. A ginástica diferentemente dos jogos, sujeita-se às necessidades imediatas do indivíduo, tratando-o mais intimamente, dando aos seus músculos um trabalho maior e mais localizado, de acordo com as suas necessidades pessoais. A ginástica visa compensar o homem moderno da falta de movimentos naturais em vista de sua vida sedentária. Esta vida sedentária pouco a pouco diminuiu a resistência física e orgânica e, em consequência aumentou as doenças. Ao praticarmos a ginástica de forma metódica e racional corrigimos

